

ANA DE CASTRO OSÓRIO E A CONSTRUÇÃO DA *GRANDE ALIANÇA* ENTRE OS POVOS: DOIS MANUAIS DA ESCRITORA PORTUGUESA ADOPTADOS NO BRASIL

Maria José Lago dos Remédios
Escola Sec. D. Filipa de Lencastre (Lisboa)

O meu primeiro contacto com Ana de Castro Osório deu-se no último ano da minha licenciatura em Filosofia, na cadeira de Filosofia Política II. Não porque a autora figurasse no programa de estudo, mas, versando este o pensamento político português de finais do séc. XIX e inícios do séc. XX, descobri por mim que um conjunto de mulheres tinha aí um importante lugar nesses tempos de mudança, apesar de ignoradas pelo meu professor. Não obstante a sua luta para dar voz às mulheres, passado meio século, elas próprias eram silenciadas. Acedi a esse grupo de feministas portuguesas através de Ana de Castro Osório, ficando tal a dever-se não só à disponibilidade de algumas obras, mas sobretudo ao facto de me ter encontrado com aquela que é tida como, talvez, a maior escritora feminista, da sua época. Na altura conheci e aprofundei a sua vertente iniciática. Nos anos que se passaram, algumas vezes, me deparei com referências, quer ao seu pensamento, quer à sua acção, em estudiosos de temas/problemas que não lhe foram estranhos.

A presença no I Congresso Brasileiro de História da Educação, afigurou-se-me como uma oportunidade de voltar a encontrar-me com Ana de Castro Osório e com ela poder estudar convosco um pouco de uma História que, não só no passado foi comum, e ela contribuiu para tal, mas que julgo continuarmos a construir, ao partilharmos as nossas reflexões.

O objecto desta comunicação é o estudo de dois manuais de cariz educativo adoptados no Brasil - um deles *Uma Lição de História* (1) e o outro *Lendo e Aprendendo* (2) – da autoria da portuguesa Ana de Castro Osório. Em primeiro lugar, há que apresentar os manuais escolares em questão, enquadrando-os no conjunto da vida e obra da sua autora, não escamoteando alguns dos problemas que se levantam ao fazê-lo. Num segundo momento, de natureza analítica, identificarei os conteúdos mais significativos presentes nas duas produções literárias, alvo da minha atenção, numa tentativa de construir uma possível caracterização das mesmas, a partir do conhecimento do currículo educativo por elas proposto. Por último, comparando o quadro teórico de leitura dos manuais com uma possível definição consensual

do ideário feminista do movimento feminista, em que se inscreve a sua autora, numa perspectiva sintética, vinculo os produtos pedagógicos em questão à causa feminista, o que me levará a propor uma redefinição dos mesmos produtos no quadro da obra da autora.

Ana de Castro Osório nasceu em 1872 em Mangualde, no seio de uma família abastada e de elevada formação intelectual, e morreu em Lisboa em 1935, tendo vivido largos anos em Setúbal e, entre 1911 e 1914, no Brasil, país a que voltará, passada quase uma década, para proferir um conjunto de conferências (3). O seu envolvimento com a República foi grande, mas não é a acção política que a move, conforme ela própria afirma foi “... *intervencionista na propaganda da Republica; deu-lhe o melhor do seu esforço e ter-lhe-hia dado o seu sangue se fôsse necessario.*” pois, “... *a Republica, não sendo um Estado perfeito – porque não ha Estados que o sejam – era, na presente ocasião, para Portugal, a maneira unica de poder avançar um passo no caminho da civilização mundial, de que andávamos arredados cincoenta annos pelo menos ...*” (4). Ela utiliza a acção política enquanto sabe que o feminismo tem um significado político, que não é estranho aos detentores do poder, e ao reconhecer que a emancipação da mulher exige denúncias e reivindicações com um carácter político. Ao aderir às ideias feministas, abraçou a militância por essa causa, figurando entre as principais militantes feministas do período compreendido entre o final do séc. XIX e a 2ª década do séc. XX (5). A sua intervenção é marcada pela mudança do lugar da mulher na sociedade e compreende a formação de associações (6), a escrita de textos, a criação de publicações (7), a realização de conferências (8), o discursar em actos públicos e a participação em comemorações, expressa, por ela mesma, da seguinte forma: a mulher “... *de espectadora indiferente passou a ser figurante; entrou definitivamente na luta – no trabalho de preparar o sossego do dia de amanhã.*” (9). Ana de Castro Osório é, entre o grupo de feministas escritoras a que pertence (10), aquela cuja produção literária é mais prolixa, recorrendo a vários géneros literários, contemplando as várias temáticas de índole feminista e destinando-se a diferentes públicos. Não se limitando a difundir as ideias feministas através da imprensa (11), ela publicou um conjunto de obras significativo, restringindo-se numas (12) mais à divulgação do ideário feminista, enquadrando-o, não raras as vezes, no Progresso da Humanidade, em geral, e na Regeneração do Povo Luso, e noutras (13) expressando com maior força as reivindicações do feminismo. Além do ensaio, a ficção (14) é, também, por ela utilizada para propagandear os seus ideais, escrevendo não só para adultos como para crianças, e recuperando, algumas vezes, ao dirigir-se a estas últimas, histórias populares. Entre as obras com um aproveitamento pedagógico contam-se não só, *Uma Lição de História*

e *Lendo e Aprendendo* (15), mas ainda *Os Nossos Amigos* (16), *As Boas Crianças* (17) e *A Minha Pátria* (18).

Ao contextualizar os dois manuais em questão na vida e obra da sua autora, não posso deixar de levantar a hipótese da edição de ambos os manuais, assim como de outras obras da autora, coincidir com a sua permanência no Brasil (19), a qual foi marcada por uma activa participação na vida cultural e social brasileira, designadamente no Congresso de Instrução Pública de Belo Horizonte (20). É, também, significativo que, além dos manuais de índole pedagógico referidos anteriormente, foram publicados no Brasil, e pela mesma editora (21), outras obras da autora, organizadas em duas colecções, uma intitulada *Para Crianças* (22) e a outra anunciada de *Propaganda Educativa* (23). A existência no Brasil de um grupo importante de mulheres comprometidas com a luta feminista, não pode ser menosprezada e, sem pretensões de abordar a história do movimento feminista no Brasil, tenho que referir que se contavam entre elas algumas portuguesas a residir temporariamente ou não aí (24), estando os seus nomes associados à fundação de associações feministas e/ou à criação de empresas para divulgar os seus ideais (25) e que entre elas figurava, pelo menos uma professora primária do Estado de S. Paulo (26). A posterior deslocação de oito meses da autora ao Brasil, em 1923, proferindo conferências no Rio de Janeiro, S. Paulo, Curitiba, Porto Alegre, Santa Maria, Pelotas e Rio Grande do Sul, compiladas em *A Grande Aliança*, julgo que se inscreve no forte vínculo existente entre o movimento brasileiro e o português e expressa o envolvimento pessoal de Ana de Castro Osório na construção de uma causa que concebe como duplamente comum tratando-se de mulheres com a mesma herança histórica (27). Por último, tenho de referir que o enquadramento dos manuais, que aqui me trazem, na obra autora não é consensual, constando como obras de literatura infantil, *de conteúdo moralizador e educativo* (28) ou sendo incluídas entre os textos que propõem uma alteração na sociedade através da educação cívica das crianças e das próprias mulheres (29), eles não vigoram entre as obras da autora apresentadas como versando a mulher (30).

O exposto sugere, por um lado, um percurso de vida marcado pela causa feminista, nele se inscrevendo a sua obra literária, e que se estende ao Brasil, de uma forma muito significativa, por outro lado, que, apesar de qualquer classificação implicar opções, se negligencia a natureza feminista de *Lendo e Aprendendo* e *Uma Lição de História*. Julgo com a identificação e análise dos conteúdos vinculados pelos manuais em questão, a processar-se de seguida, contribuir para o esclarecimento desta mesma questão.

Inicialmente há a reter que estamos perante duas obras que têm em comum o facto de se tratarem de produtos literários de uso pedagógico, alvo da aprovação do poder institucional brasileiro, de âmbito estadual, como livro de leitura e um deles, *Uma Lição de História*, servir ainda para premiar o desempenho escolar dos alunos. Estes manuais têm por destinatários um público escolar geograficamente distinto, Estado de S. Paulo - *Lendo e Aprendendo* – estado de Minas Gerais – *Uma Lição de História* -, o que não significa que alguns dos seus textos não sejam utilizados, como recursos pedagógicos, por professores de outros Estados brasileiros. Apesar de diferentes, do ponto de vista estrutural, em ambos há a recuperação de uma história tradicional, justificando-se o discurso do presente num passado glorioso. Enquanto *Lendo e Aprendendo* é constituído por um conjunto de dezena e meia de histórias, *Uma Lição de História*, conforme é sugerido pelo título, oferece-nos a releitura de uma história tradicional, a partir de uma outra história, a qual não deve ser tida como um mero pretexto para a apresentação da segunda, pois ambas se unem num mesmo fim, apesar de serem distintas do ponto de vista da acção, espaço e tempo.

As personagens em torno das quais giram as histórias de *Lendo e Aprendendo* são crianças, de ambos os sexos, fazendo perguntas, realizando pequenas tarefas, esclarecendo ou aconselhando, quer outras crianças, quer adultos. O adulto não é excluído, mesmo quando o diálogo se centra entre duas crianças, ele é invocado (31), e há sempre em cada história, pelo menos um adulto, que pela sua palavra e/ou sua acção induz à mudança de atitudes (32), desempenhando um papel educativo ao informar intelectualmente e formar civicamente. Em algumas destas histórias atravessam-se intervenientes jogando papéis dialecticamente opostos: o preconceito confrontado com a informação, o tradicionalismo em contraste com a inovação, a estagnação *versus* o progresso e a decadência contra a regeneração. Atravessando-se dois tipos de discurso nas histórias, o apologético recai sobre personagens, em geral, da burguesia, o que se entende dado o seu grau de informação, enquanto a gente do povo, na sua maioria analfabeta vincula um posicionamento alvo da reprovação, o que não significa que a burguesia não seja identificada, maioritariamente, como arreigada a uma forma de viver que não se compadece com as alterações ocorridas no mundo ou que a gente mais humilde, quando é esclarecida e confrontada com a eficácia das alterações propostas, não adira à mudança (33). Não podemos, ainda, negligenciar o facto do diálogo se desenvolver, frequentemente entre personagens de posições sociais diferentes e muito menos o facto de que aqueles que prestam atenção aos trabalhadores rurais, criadas e costureiras, apostando na sua capacidade de mudança, são crianças de uma classe social superior (34). O espaço no qual se desenrola a acção não é indiferente, existindo uma maior predominância para o meio rural,

sem ignorar o espaço urbano, o qual assume, muitas vezes, um carácter paradigmático em matéria de usos e costumes a introduzir no campo. A criação de pequenas indústrias de âmbito familiar e de natureza doméstica (35) constitui o assunto das várias histórias de *Lendo e Aprendendo*. A mecanização das tarefas agrícolas e domésticas confere uma dimensão industrial às explorações agrícolas e domésticas e, no dizer de certos personagens (36), dá a possibilidade do homem se enriquecer intelectualmente ao libertá-lo do trabalho.

A partir do que acabei de afirmar é explícito que o trabalho é contemplado neste manual como um dos grandes temas. Mas, é necessário reconhecer que as indústrias domésticas são na sua maioria geridas por mulheres que adquirem com elas independência económica, fazendo face ao seu sustento, quando solteiras (37), e também aos dos seus filhos, por morte do marido e na ausência de outros recursos (38), ou contribuindo para um orçamento familiar mais desafogado e, deste modo, proporcionar à família bens que de outra forma não teriam tão facilmente, como livros, viagens e adornos pessoais (39). Estas mulheres que atingem, pelo trabalho, a independência económica, demarcam-se das outras mulheres do seu meio social, ao participarem na vida económica e, também, ao ousarem desenvolver-se intelectualmente, adquirindo, por esta via, um novo estatuto social e familiar. As mulheres independentes e instruídas, que povoam as histórias de *Lendo e Aprendendo*, desempenham junto do seu marido o papel de companheiras, ajudando-o financeiramente e aconselhando-o, encerrando experiências paradigmáticas do que é ser mulher, segundo o feminismo (40). A leitura cuidada deste manual leva-me a identificar uma trilogia temática – educação/instrução, trabalho e independência económica – sobre a qual se articulam todos os outros conteúdos abordados – a mãe, a mulher, a terra, as pequenas indústrias, a exploração agrícola, as pequenas indústrias, os valores morais e cívicos.

Uma análise do conteúdo de *Uma Lição de História*, centrada nas vantagens pessoais e nos benefícios sociais e cívicos dessa “*viagem encantadora*” (41), que é aprender, denota a presença da temática encontrada em *Lendo e Aprendendo*. Tomando como personagem central da primeira história uma menina que rejeita a instrução que os seus pais lhe querem oferecer, Ana de Castro Osório não só vai abordar a aliança entre o desenvolvimento intelectual e o trabalho e, conseqüentemente a independência económica por este proporcionada, nesta história, como recorre a uma segunda história, para o fazer, a pretexto de elucidar a menina. Também neste manual se permeiam dois discursos, o progressista – defendendo a melhoria das condições de vida, o desenvolvimento do espírito pela instrução e a valorização da pessoa a partir das suas qualidades sociais e morais – e o conservador – afirmando a inutilidade do aprender, o valor da esmola como forma de resolução dos

problemas económicos dos mais pobres e a diferenciação das pessoas a partir do nome familiar e dos bens materiais. As personagens que emitem tais discursos são indiscriminadamente de ambos os sexos e a valorização do desenvolvimento intelectual, tal como a adesão às transformações sociais, que aparecem associadas entre si, não são determinadas pela classe de pertença. Enquanto a menina aristocrata, da primeira história, se opõe à instrução que lhe querem ministrar, a da outra história, princesa de nascimento, anseia enriquecer o seu espírito, e, ao fazê-lo, ousa, e, apesar de muitas vicissitudes, conseguiu com êxito transformar o seu reino. Na história tradicional contada os males da decadência são evidenciados, contrastando com os valores que conduzem ao progresso, apresentados na forma dialéctica preconceito/informação esmola/salário, rotina/inação, indolência/iniciativa, operando-se a transformação do mundo através da associação da inteligência ao trabalho, encarnados por dois jovens, a primeira por uma princesa e o segundo por um pastor. A regeneração, a saída da decadência, é obra dos dois sexos e de todas as classes sociais, ao completarem-se entre si, tal como a força do pastor teve de unir-se à criatividade da inteligência e vice-versa para poderem, em conjunto, produzir com arte e valor social. Os nomes atribuídos aos filhos que nascem da união celebrada entre a princesa e o pastor (42) denotam um conjunto de qualidades artísticas (Música, Canto, Pintura e Escultura), intelectuais (Mecânica, Vapor, Electricidade, Indústria e Comércio) e morais (Educação, Altruismo, Economia e Providência), as quais se ficam a dever à instrução/educação e ao trabalho, que associados entre si “fazem renascer para a vida, para a glória e para a felicidade” (43). O progresso civilizacional corresponde a uma nova Humanidade, que além de inteligente e laborosa é solidária (44). Se a educação/instrução permite otimizar o trabalho (organizado racionalmente), a libertação da dependência servil do outro conquista-se pelo trabalho e pela inteligência, que dá liberdade de pensar e agir (45). O vínculo estabelecido entre Inteligência – Trabalho – Independência é estruturante de todos os outros conteúdos pedagógicos, predominando entre eles os deveres sociais e cívicos.

O ideário do feminismo português expresso, sinteticamente e de um modo consensual, no trinómio educação/instrução – trabalho – independência económica (46), compreende o ideal educativo subjacente aos dois manuais por mim apresentados, conferindo unidade e consistência interna ao projecto educativo visado com a reapropriação de tais textos literários como recursos pedagógicos. A par desta uniformidade – ambos são atravessados pelo mesmo eixo temático - há a notar o realce dado à dimensão económica, quer da educação e instrução, quer do trabalho, em *Lendo e Aprendendo*, enquanto em *Uma Lição de História* predomina o

carácter social e cívico, tanto da educação como do trabalho. Deste modo, a independência económica é referenciada de uma forma explícita ao longo das histórias de *Lendo e Aprendendo*, ao passo que *Uma Lição de História* incute uma noção de independência mais abrangente que, sem o menosprezar, não se reduz ao aspecto económico.

A formação cívica marca uma presença constante, de uma forma explícita ou mais disseminada, nestes dois manuais, vinculando-se através dela um novo posicionamento da mulher, familiar e social, e ela constitui um dos elementos do nó figurativo da representação que as feministas têm da educação. A intensidade da valorização da educação/instrução é idêntica em ambos os manuais e a mulher, que em muitos deles assume o papel de mãe, educa aqueles com quem priva, em especial os filhos, desmitificando preconceitos sociais e superstições religiosas. Ao contrário da inteligência – que permite a convivência social e a não exclusão da Regeneração (47) – a ignorância é repudiada como um mal social, que gera gente grosseira, rude e incapaz socialmente de fazer face à sobrevivência (48). A educação feminista ministrada nestes dois manuais ensina, que as mulheres instruídas tornam-se independentes economicamente e contribuem para o desenvolvimento intelectual dos seus filhos, educando-os na valorização económica e social do trabalho. Também, *Às Mulheres Portuguesas*, considerada a grande obra de Ana de Castro Osório sobre o feminismo, coloca o centro da questão da dignificação da mulher, na educação e no trabalho, afirmando “*Não nos deixemos embalar com o sonho do passado, pensemos no futuro, que é trabalho e educação*” (49). É uma coeducação inclusiva, numa expressão *avant la lettre*, que se vê prefigurada nestes textos de Ana de Castro Osório, na medida em que rapazes e raparigas, convivendo entre si, são indiferentemente informados, adquirem formação académica e quando se perspectiva uma futura especialização no estrangeiro, nenhum dos sexos se vê excluído.

Estas duas produções literárias de Ana de Castro Osório revestem-se, sem dúvida, de um carácter duplamente pedagógico, ao conceberem-se como susceptíveis de proporcionar aquisições, que se querem duradouras - aprendizagens – e dado o uso escolar dos mesmos. Todavia, não se pode escamotear a sua natureza essencialmente feminista, quando se atende à matéria ensinada. Ao propor uma redefinição destes dois produtos literários, que não se veja determinada pela apropriação escolar dos mesmos ou pela idade do público a que se destinam, mas tenha em conta o seu conteúdo material, sei que a mesma requer um estudo aprofundado da obra de Ana de Castro Osório, o qual está por fazer e não pode ser feito sem ter em atenção a história do movimento feminista brasileiro e a *Grande Aliança*, por ela celebrada, entre os dois movimentos e os dois povos.

NOTAS

- (1) Osório, A. (1909). *Uma Lição de Historia: livro aprovado para leituras e premios escolares pelo Conselho Superior de Instrução Publica do Estado de Minas Geraes*. Setúbal: Livraria Editora 'Para as Crianças'.
- (2) Osório, A. (1913). *Lendo e Aprendendo: livro illustrado para leitura e aprovado para as escolas primarias do Estado de S. Paulo*. S. Paulo: Empreza de Propaganda Literaria Luso-Brasileira, 1913.
- (3) Compiladas e publicadas sob o título *A Grande Aliança*. Lisboa: Edições Lusitania, 1924.
- (4) Osório, A. (1911). *As Operárias das Fábricas de Setúbal e a Greve: resposta de Ana de Castro Osório ao Germinal*. Lisboa: Edições Lusitânia, pp. 4s
- (5) Entre elas contam-se Alice Pestana, Carolina Beatriz Ângelo, Aurora de Castro Gouveia, Maria Veleda, Adelaide Cabete, Emília de Sousa Costa, M^ª Clara Correia Alves e Virgínia de Castro Almeida, . Cf. Guimarães, E. (1986). *Mulheres Portuguesas: ontem e hoje*. Lisboa: Comissão da Condição Feminina, pp. 12-23 e Silva, M.R. (1983). "Feminismo em Portugal na voz de mulheres escritoras do início do século XX". In *Análise social*, XIX (77-78-79), pp. 875-907.
- (6) Ana de Castro Osório funda em 1907 o *Grupo Português de Estudos Feministas*, cria, em 1909, a partir da proposta dos republicanos Bernardino Machado, Ant. José de Almeida e Magalhães de Lima, e dirige, a *Liga Republicana das Mulheres*. Entrando em ruptura com a LRM, por causa da questão sufragista, funda a *Associação de Propaganda Feminista*, em 1912. O seu nome está, ainda, associado à criação, em 1916, da *Comissão Feminina 'Pela Pátria'* (1916), a partir da qual se formou, no mesmo ano, a *Cruzada das Mulheres Portuguesas*. Para um maior esclarecimento consultem-se Esteves, J. (1998). *As origens do sufragismo português*. Lisboa: Bizâncio e Lamas, R. (1995). *Mulheres para além do seu tempo*. Lisboa: Bertrand Editora.
- (7) O seu nome vê-se associado à criação, em 1902, da *Sociedade Futura* (publicação feminina sem um índole feminista), das publicações da LRMP, *A Mulher e a Criança* (1909) e de *A Madrugada* (1911), assim como de *A Mulher Portuguesa*, em 1912, e de *A Semeadora*, em 1915, órgãos da APF. da meadora, órgão da APF. Cf. Esteves, J. (1998). *Op. Cit.*, Esteves, J. (1999). "O movimento feminista em portugal: periódicos (1899-1928)". In *Faces de Eva: estudos sobre a mulher*, 1-2, pp.185-196 e Lamas, R. *Op. cit.*
- (8) Se algumas destas conferências foram reunidas e compiladas, posteriormente, como é o caso de um conjunto delas versando o divórcio (*A mulher no casamento e no divórcio*. Lisboa: Guimarães, 1911) ou das proferidas no Brasil (*op. Cit.*), outras há - *A educação da criança pela mulher* (Associação d'Instrução Popular – 1905, *A educação cívica da mulher* (Centro Dr. Affonso Costa – 1908, *A acção da mulher na guerra actual* (Academia de Estudos Livres – 1915), *A mulher heróica* (Festa Patriótica do 4 de Junho - 1916) – que foram publicadas isoladamente e ainda se sabe da existência de *A valorização do trabalho feminino*, por anúncio num periódico da época. Cf. Silva, M. R. (1999). *A mulher: bibliografia portuguesa anotada (1518-1998)*. Lisboa: Edições Cosmos.
- (9) Osório, A. (1905). *Às mulheres portuguesas*. Lisboa: Viúva Tavares Cardoso, p.183.
- (10) Sobre este tema veja-se Silva, M.R. (1983). *Op. cit.*, pp. 875-907.
- (11) Cf. Esteves, J. (1999). *Op. cit.* e Lamas, R. *Op. cit.*

- (12) *Às Mulheres Portuguesas*, op. cit., *A Influência da Mãe na Raça Portuguesa*. Lisboa: Cruzada das Mulheres Portuguesas, 1916, *A Mulher Heróica*. Lisboa: Cruzada das Mulheres Portuguesas, 1916 e *A Grande Aliança*, op. cit.
- (13) *A Educação Cívica da Mulher*. Lisboa: Grupo Português de Estudos Femininos, 1908, *Instrução e Educação: criança e mulheres*. Lisboa: Guimarães, 1909, *A Mulher no Casamento e no Divórcio*, op. cit., *As Operárias das Fábricas de Setúbal e a Greve: resposta de Ana de Castro Osório ao Germinal*, op. cit., *A Mulher na Agricultura, nas Indústrias Regionaes e na Administração Municipal*. Lisboa: Casa Editora 'Para as Crianças', 1915 e *Em Tempo de Guerra: aos homens e às mulheres do meu país*. Lisboa: Ventura, 1918.
- (14) Entre as obras para adultos contam-se *Quatro Novelas*. Coimbra: França Amado, 1908, *O Direito da Mãe*. Porto: Livraria e Imprensa Civilização, 1925 e *A Verdadeira Mãe*. Porto: Livraria e Imprensa Civilização, 1925. Para as crianças escreveu um conjunto assinalável de contos, de entre os quais, actualmente, foram reeditados pelo Instituto Piaget, em 1997: *O Príncipe Luís e outras histórias, Casa de Meu Pai, Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda ao Brasil, Viagens Aventurosas de Felício e Felizarda ao Polo Norte e Os Dez Anõezinhos da Tia Verde-Água*.
- (15) *Ops. cit.*
- (16) Osório, A. (1922). *Os Nossos Amigos: livro de leitura para a 3ª classe*. Lisboa: Lusitania Editora.
- (17) Osório, A. (s/d). *As Boas Crianças*. S. Paulo: Empresa de Propaganda Literaria Luso-Brasileira
- (18) Osório, A. (1906). *A Minha Pátria*. Lisboa: Imprensa de Libanio da Silva
- (19) Ana de Castro Osório permaneceu no Brasil entre 1911 e 1914 e um dos manuais – *Lendo e Aprendendo* – é editado no Brasil em 1913. *Uma Lição de História*, assim como as outras obras de uso pedagógico, referenciadas nas notas 18, 19 e 20, foram publicadas pela mesma editora que *Lendo e Aprendendo*, figurando na sua contra capa, entre as obras da autora disponíveis na Empresa de Propaganda Literaria Luso-Brasileira.
- (20) Silva, M. R. (1979). “Mulheres Portuguesas – Ana de Castro Osório”. In *Boletim da Comissão da Condição Feminina*, V(1), pp. 39-40.
- (21) A Empresa de Propaganda Literaria Luso-Brasileira.
- (22) Integram-se aí *Contos Phantasticos, Alma Infantil, Os Animaes, Os Nossos Amigos, Uma Lição de Historia e A Minha Pátria*.
- (23) Contendo *Instrução e Educação, Às Mulheres Portuguesas, As Mães devem Alimentar seus Filhos, A Educação da Criança pela Mulher e A Educação Cívica da Mulher*.
- (24) Águeda Pereira e Silva Gomes, Delfina Goulart de Lemos e Elzira Dantas Machado, referenciadas por Esteves, J. (1998). *Op. cit.*, pp. 185 e 188.
- (25) Tanto Águeda Silva Gomes como Delfina Goulart são accionistas da Empresa de Propaganda Feminista, criada, conforme o nome sugere, para divulgar o pensamento feminista. O nome de Delfina Goulart vê-se ainda ligado à fundação, em S. Paulo, de uma sub-comissão da Cruzada das Mulheres Portuguesas.
- (26) Delfina Goulart de Lemos.
- (27) Veja-se a conferência proferida no Brasil, “A Mulher de Portugal e do Brasil” (*Op. cit*, p. 39-71)
- (28) Silva, M. R. (1979). *Op. cit*, p. 39.
- (29) Martins, M. J. (1994). *Mulheres Portuguesas: divas, santas e demónios*. Lisboa: Veja Mutilar, pp. 152-153)
- (30) Silva, M. R. (1999). *Op. cit.*

- (31) Em a “Guerra eminente” as crianças procuraram um esclarecimento junto da mãe e do pai (*op. cit.*, p. 16) ou em “O Jardim” (*idem.*, pp. 71-86) as informações transmitidas pela mãe são invocadas no diálogo entre Luz e a sua amiga Laura, tal como a Luzia de “O valor da ciência” (*idem.*, pp. 123-192) faz constantemente referência aos conhecimentos adquiridos junto do seu pai, que lhe permitem divulgar a importância da utilização de inventos tecnológicos nas tarefas agrícolas e domésticas.
- (32) O caso de Carlos, em “Um bom mealheiro” (*idem.*, pp. 23-39) que, informado e esclarecido pela mãe, muda de posição relativamente à criação de pequenas indústrias domésticas, passando a valorizá-las, enquanto fonte de bem-estar familiar e social.
- (33) A posição defendida por Carlos no início de cada história (*idem.*, pp. 5-39) é paradigmática do modo de pensar da burguesia de então, tal como as amigas da mãe de Laura evidenciam uma atitude conservadora quando falam da Luz e da sua mãe (*idem.*, pp. 71-86). O velho criado da avó de Luzia, depois de informado pela menina, quer experimentar a criação do sisal (*idem.*, pp. 153-156) e está disposto a tornar-se um autêntico apicultor (*idem.*, pp. 134-151), tal como a sua amiga costureira quer aprender com ela a utilizar a máquina de costura (*idem.*, pp. 123-127).
- (34) A Luzia da história que se desenrola na fazenda brasileira é disso um exemplo (*idem.*, pp. 123- 192)
- (35) O aviário (*idem.*, pp. 23-39), a criação de bichos-da-seda (*idem.*, pp. 41-68), de pombos (*idem.*, pp. 86-93), a floricultura (*idem.*, pp. 71-85), a conserva de frutas (*idem.*, pp. 109-111), a apicultura (*idem.*, pp. 134-151 e 173-175), a produção do sisal (*idem.*, pp. 153-156), o fabrico de queijos (*idem.*, pp. 183-185) e a confecção de vestuário (*idem.*, pp. 123-127).
- (36) *Idem.*, pp. 160s.
- (37) A Ermelinda (*idem.*, pp. 124-127)
- (38) A mãe da Luz (*idem.*, pp. 78-86)
- (39) A mãe de Lili e Carlos (*idem.*, p.29) ou a mãe de “Uma sociedade económica” (*idem.*, p.111)
- (40) Consultem-se Silva, M. R. (1983). *Op. cit.*, pp. 890-906 e Lamas, R. *Op. cit.*, pp. 22-73
- (41) *Op. Cit.*, p. 11
- (42) *Idem.*, p. 44
- (43) *Idem.*, p. 78
- (44) *Idem.*, p. 79
- (45) *Idem.*, p.47. A associação entre o uso da inteligência e a autonomia do pensamento está subjacente ao ideal educativo da 1ª República, reflectindo a influência ideológica do iluminismo. Cf. Pintassilgo, J. (1998). *República e Formação de Cidadãos: a educação cívica nas escolas primárias da 1ª república portuguesa*. Lisboa: Edições Colibri, pp. 55-80.
- (46) Este construto hermenêutico reflecte as análises do movimento feminista feitas por Esteves, J. (1998). *Op. cit.*, pp. 35-44, Lamas, R. *Op. cit.*, pp. 22- 94 e Silva, M. R. (1983). *Op. cit.*, pp. 890-907.
- (47) Este conceito, que refere a transformação social conseguida pela educação e pelo trabalho, extravasa os limites do discurso feminista e informa a educação cívica republicana (cf. Pintassilgo, J. *Op. cit.*, pp. 83-224.)
- (48) Osório, A. *Uma Lição de História...*, pp. 17-19.
- (49) *Op. cit.*, p. 53